



CUBA

Grito pela democracia

Apesar de ameaças, manifestantes desafiam o regime e prometem sair às ruas, amanhã, pela libertação dos presos políticos e pela mudança no governo. O **Correio** entrevistou dois ativistas responsáveis pela organização dos protestos

» RODRIGO CRAVEIRO

O primeiro grito ecoou pelas províncias de Cuba em 11 de julho passado, quando milhares de pessoas tomaram as ruas das principais cidades e cobraram democracia. Fotografias e vídeos de cubanos sedentos pela mudança viralizaram nas redes sociais. A resposta do regime do presidente Miguel Díaz-Canel foi repressão, com detenções e julgamentos sumários. A comunidade internacional reagiu com indignação e impôs sanções a altas autoridades de Havana, incluindo funcionários dos ministérios das Forças Armadas Revolucionárias e do Interior, além da Polícia Nacional de Cuba. Um novo clamor pela democracia está marcado para amanhã, quando se espera a realização de marchas civis na capital e em seis províncias da ilha socialista. Díaz-Canel acusa grupos baseados nos Estados Unidos de tentarem desestabilizar o regime e de financiarem os atos.

Na última quinta-feira, o dramaturgo cubano Yunió García Aguilera — um dos líderes da plataforma Archipiélago e principal mentor dos protestos de 11 de julho e de amanhã — anunciou que marchará sozinho, hoje, em uma avenida central de Havana. A decisão de realizar uma manifestação solitária e antecipada, segundo ele, tinha o objetivo de minimizar os riscos de violência. “No domingo, 14, farei uma marcha solitária, em nome de todos os cidadãos a quem o regime privou do direito de manifestação no dia 15”, revelou García, por meio do Twitter. Ele frisou, no entanto, que isso “não impede que os demais manifestantes dentro de Cuba exerçam seus direitos, nem no dia 15, nem no dia 16, nem nos demais dias”.

Responsável pela organização dos protestos em Santa Clara, na província de Villa Clara, a 260km de Havana, Saily González Velázquez, 30 anos, tem sofrido perseguição jurídica por parte do regime cubano. “Eles me processaram por delito de atividade econômica ilícita e receptação. Também tenho sido alvo de assédio nas redes sociais. As autoridades falaram com minha família, com meus amigos e com os meus funcionários. Tive de fechar os meus negócios, o Café Amarillo B&B e um Airbnb”, desabafou ao **Correio**, por telefone.

Para Saily, Cuba precisa transitar rumo à mudança de regime. “A democracia significa que todos os direitos de todos os cubanos serão respeitados, e que nós poderemos participar do projeto de Cuba. Precisamos sair da ditadura. Não queremos mais repressão, não queremos que mais jovens sejam encarcerados injustamente”, disse. A ativista acredita que o fim da ditadura levaria a um apoio maior à ilha, inclusive por parte da comunidade de cubanos no exterior. “Eles querem se envolver com a reconstrução de Cuba como cidadãos, e não como ‘vermes’ ou

Yamil Lage/AFP



Ativista é detido durante marcha cívica de 11 de julho passado, no centro da capital: intimidações e julgamentos sumários

Depoimentos

“O importante será a empatia”

Yoani Sánchez

“Os protestos de amanhã, assim como manifestações e gestos de rebeldia marcados para hoje, para 16 e 17 de novembro, provavelmente serão o ato cívico e popular mais importante de Cuba nas últimas décadas. Além das pessoas que pensam em ir às ruas, muitos cubanos pretendem fazer algum tipo de gesto de solidariedade com os manifestantes. Os organizadores da marcha pedirão aqueles que não quiserem sair às ruas para que coloquem

Yasuyoshi Chiba/AFP



roupas brancas nas janelas ou varandas, ou batam panelas. Mais importante do que as pessoas que se reunirão nas seis províncias cubanas é a forma com que o restante da população da ilha reagirá. O oficialismo montou uma intensa campanha repressiva para aterrorizar a gente. Há controle e vigilância. O oficialismo tem preparado tropas de choque e atividades festivas nos pontos de concentração dos manifestantes. O importante será a empatia e a solidariedade provocadas nos cidadãos cubanos.”

Jornalista e blogueira dissidente cubana, diretora do diário independente 14ymedio. com, moradora de Havana

“As pessoas têm muito medo”

David Alejandro Martínez Espinosa

“Ainda não sabemos como serão as mobilizações em Cienfuegos. As pessoas têm muito medo e terror, ante incitações do Departamento de Segurança do Estado. As autoridades ameaçam os cidadãos de os levarem presos. O mais provável é que não haja tantas pessoas nas ruas, amanhã, como gostaríamos. Mas sabemos que isso se deve ao medo,

não ao fato de discordarem do protesto.

Nossas demandas são nacionais. Nós exigimos a libertação dos mais de 600 presos políticos, encarcerados durante os protestos de 11 de julho e um pouco antes. Queremos o fim da violência policial. Outras demandas são o respeito aos direitos humanos de todos os cubanos e que as diferenças entre os cidadãos sejam resolvidas por meios pacíficos e através do diálogo.”

Engenheiro químico, organizador dos protestos em Cienfuegos (a 238km de Havana)

Arquivo pessoal



‘mercenários’ — termos usados pelo governo para mencioná-los”, acrescentou Saily.

Morador de Cienfuegos, o engenheiro químico David Alejandro Martínez Espinosa é o articulador dos protestos na cidade localizada no centro-oeste de Cuba. Em 19 de outubro, acabou demitido do cargo de professor de química aplicada da Universidade de Ciências Médicas de Cienfuegos por manifestar-se politicamente no Facebook. “As marchas cívicas e pacíficas são um método de luta não violenta para manifestar qualquer descontentamento em relação ao governo. Algumas pessoas defendem uma mudança

total do sistema, enquanto outras pedem uma reforma mais simples”, comentou.

Sem precedentes

Espinosa lembra que a cidadania cubana é “diversa e plural”. “Por isso, não queremos restringir as manifestações a pessoas que sejam de uma tendência ou de outra. Exortamos os cidadãos que estiverem de acordo com nossas demandas a protestarem”, disse. Apesar de entender que a sociedade civil cubana está fragmentada, o ativista vê a iniciativa de organização de protestos como algo sem precedentes na história da ilha.

“A história da revolução comunista em Cuba mostra que todas as manifestações e marchas ocorrem sob organização do governo. Os protestos de amanhã serão um marco na ilha, mesmo que poucas pessoas saiam às ruas. O objetivo desses atos é empoderar os cidadãos e fazer com que percam o medo pouco a pouco”, observou.

Uma das figuras mais conhecidas da oposição em Cuba, a jornalista e blogueira Yoani Sánchez, 46 anos, afirmou ao **Correio** que o principal objetivo da marcha cívica de amanhã é reclamar a libertação dos prisioneiros políticos presos e condenados de forma sumária e sem garantias processuais durante

os protestos de 11 de julho. “O protesto visa uma mudança democrática rumo à aceitação do pluralismo e da diversidade. A mensagem enviada por esta marcha é que este país chegou a um ponto em que não pode ser mais controlado apenas por uma parte ideológica e infima da população”, comentou.

De acordo com Yoani, as novas gerações cubanas não aceitam a rigidez política imposta à ilha durante décadas. “Essa forma de governo exclui as ideias diferentes, a pluralidade, a diversidade. Sobre tudo, trata-se de um sistema baseado na repressão da dissidência e das opiniões divergentes. A nova geração cubana disse ‘basta’ e não quer

continuar com esse sistema disfuncional nos âmbitos econômico, político e repressivo”, declarou.

Yoani garante que a marcha cívica tem transformado Cuba. Ela considera que as manifestações agendadas para amanhã incitaram o debate, uma intensa discussão nas ruas e entre as famílias sobre a necessidade de aceitar a diversidade e o pensamento diferente. “O objetivo fundamental foi alcançado: não apenas revelar à luz pública o caráter autoritário, ditatorial e absolutamente alérgico às diferenças com o regime cubano, mas também estimular a reflexão na própria população”, disse.

Embaixador condena “provocação” dos EUA

Encarregado de negócios da Embaixada de Cuba no Brasil, o embaixador Rolando Gómez González disse ao **Correio** que “os inimigos da Revolução Cubana têm pretendido, sem êxito, reeditar as manifestações e tentativas desestabilizadoras fracassadas de 11 de julho”. “Os EUA, com sua contrarrevolução cubana na Flórida, promoveram, financiaram e organizaram outro evento subversivo, o 15 de novembro, contra o sistema escolhido pela imensa maioria dos cubanos em referendo nacional, o qual é parte da

nossa Constituição”, sublinhou. O diplomata denunciou uma “provocação intervencionista” e advertiu que nenhum país soberano aceitaria tal ação no exercício de sua autodeterminação. “Estou seguro de que o Brasil não permitiria manifestações organizadas e financiadas por potências estrangeiras destinadas a mudar o regime de governo”, afirmou.

Segundo González, os cubanos não permitirão, nem aceitarão, pressões, ingerências e ameaças de nenhum tipo. “Não

toleraremos que ninguém afete a celebração do nosso povo, neste mesmo 15 de novembro, data que marca o reinício do ano escolar e a abertura total ao turismo internacional. Celebraremos igualmente, com muita alegria, a vitória sobre a pandemia da covid-19 com vacinas cubanas e a sobrevivência ante a descomunal guerra com a qual nos asfixiaram economicamente os governos norte-americanos — recrudescida por Donald Trump e mantida por Joe Biden”, acrescentou.

O embaixador aposta que os EUA aplicarão extrema pressão em torno de uma “grande campanha midiática internacional” para afetar a imagem de Cuba. González adverte que a manobra está fadada ao fracasso. “Todos sabem que eles mentem, caluniam e manipulam os fatos. No fim das contas, a verdade se impõe e prevalece: a vontade da resistência de um povo unido para conservar sua independência e sua soberania, face aos anseios históricos de dominação dos EUA sobre o nosso país”, concluiu. (RC)

Rodrigo Craveiro/Esp. CB/D.A Press



Rolando Gómez González, encarregado de negócios de Havana em Brasília: “evento subversivo”